



EDITORIAL

A Pesquisa Austríaca Construindo Pontes entre Diferentes Tradições Intelectuais

*Fabio Barbieri**

A presente edição da revista MISES contém uma novidade. Nela publicamos os cinco artigos vencedores de um concurso promovido recentemente pelo Instituto Mises Brasil. Com o objetivo de encorajar pesquisadores brasileiros a abordar problemas sob a ótica multidisciplinar inspirada pela Escola Austríaca de Economia, foi proposto um concurso de artigos nas categorias Geral, Filosofia, Economia, Direito e Ciência Política, com o compromisso de que os vencedores teriam seus trabalhos publicados pela revista. Os diversos trabalhos foram avaliados por bancas de especialistas e professores em suas respectivas áreas, durante a V Conferência de Escola Austríaca do Instituto Mises Brasil, ocorrida em abril de 2017 nas dependências da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. Podemos afirmar que a empreitada foi um sucesso, na medida em que os artigos consistem em trabalhos originais e criativos, que expandem efetivamente o esforço da revista em promover o crescimento de estudos efetuados sob a perspectiva da Escola Austríaca.

O trabalho vencedor do concurso, escrito por Gustavo Maultasch, caminha de fato na direção de uma das aspirações principais desta revista – o estabelecimento de diálogo entre diversas perspectivas teóricas com a tradição austríaca. Em uma tentativa de diálogo com autores de persuasão esquerdista, Maultasch procurou mostrar a eficácia de políticas específicas, utilizando a prática austríaca de preferir a abordagem em ciências sociais que trate da relação entre meios e fins, em contraste com a velha abordagem que se define em termos da moralidade dos objetivos finais. Este caminho, tão comum no pensamento político, tende a gerar visões simplistas e maniqueístas, que dividem o mundo entre o grupo dos moralmente superiores ou ungidos, usando a apta expressão empregada por Thomas Sowell, e o grupo dos ignorantes ou mal-intencionados. O diálogo intelectual só é possível na primeira perspectiva. Esse diálogo, sob a ótica liberal, depende do respeito mútuo de posições contrastantes e o artigo busca seguir esse caminho tolerante.

* **Fabio Barbieri** é Professor de Economia na FEA de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP) e Editor-Adjunto da MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia

Na categoria Economia, o trabalho vencedor, da autoria de Thiago de Castro Souza e Adriano Paranaíba, ilustrou de forma clara o que pretendíamos com o concurso. Em vez de avaliar o problema do combate ao mosquito *Aedes aegypti* sob a ótica tradicional de planos governamentais e eficiência alocativa estática, os autores, de forma criativa, deslocaram a análise na direção recomendada pelo programa de pesquisa austríaca. De maneira sólida, a teoria austríaca de processo de mercado foi usada para comparar falhas de mercado com falhas de governo, na busca de soluções institucionais que estimulem a competição entre diversos atores da sociedade civil, como forma de avaliar o combate as doenças causadas pelo inseto sob uma ótica de eficiência dinâmica.

Na categoria Direito, Luan Sperandio expandiu a crescente literatura de Direito e Economia na direção austríaca. O autor examina as consequências não intencionais do dirigismo jurídico no setor de saúde no país. O estudo de como os agentes privados reagem às concepções centralistas sobre como deveria ser o sistema de saúde funciona como base ideal para ilustrar o fenômeno das falhas de governo e deslocar a discussão na direção de comparação institucional, favorecida pelos austríacos e demais escolas associadas ao *mainstream* da profissão, utilizando a expressão empregada por Peter Boettke. Apenas em um ambiente no qual é possível historiar exemplos de falhas de governo, as soluções liberais para a discussão de políticas públicas podem ser levadas em consideração com mais frequência. Tais falhas podem ser fundamentadas tanto em considerações austríacas sobre a complexidade dos mercados que se pretende regular, quanto em considerações da escola da escolha pública sobre o exame dos grupos de interesse. Ou ainda, em termos dos arranjos institucionais redutores de custos de transação, como querem os adeptos da abordagem neoinstitucional.

Na categoria Ciência Política, Yago Martins nos brindou com uma erudita análise do caráter utópico do pensamento socialista na

dimensão de preenchimento do vácuo deixado pelas religiões. Depois de documentar nos autores socialistas algo paralelo aos escritos escatológicos sobre o fim dos tempos e os anseios pelo advento de um futuro ideal, o autor sugeriu a construção de uma análise austríaca crítica do pensamento utópico, baseada inicialmente em idéias de Mises e Hayek e expandida via conexões com autores de outras tradições políticas.

Por fim, na categoria Filosofia, Murilo Veras explorou certas ideias econômicas encontradas na obra de um filósofo brasileiro relativamente desconhecido, Mario Ferreira dos Santos (1907-1968). As noções de valor de troca e valor de uso são analisadas sob o prisma do referencial filosófico do autor.

O caráter extraordinariamente interdisciplinar que pode ser percebido pela gama de temas abordados nos artigos de concurso se manifesta também nos demais artigos da edição. O presente volume abre com um texto de Ludwig von Mises no qual alguns elementos de suas controversas posições metodológicas são elaborados. Em particular, Mises discutiu a relação entre a incerteza inerente aos problemas que envolvem a ação humana e a natureza das leis científicas que podem ser formuladas nesse campo. Com mais espaço dedicado à exposição das ideias metodológicas de Mises, o leitor perceberá quão distante da realidade é a crença prevalente entre economistas de que o autor professa algo como posturas exóticas ou radicais a respeito de metodologia. Como notam vários autores, a dualidade do método proposto por Mises repete vários elementos centrais da tradição clássica em metodologia da economia, que se manifestam também nas crenças metodológicas de importantes economistas do século vinte. Notadamente, a maior complexidade dos fenômenos estudados pelas ciências sociais, caracterizada pela profusão de variáveis que interagem entre si e cujos valores mudam constantemente, é algo central da metodologia clássica milliana. O moto misesiano “não existem constantes no que diz respeito à ação humana, como

as constantes da Física”, é outra maneira de expor as idéias metodológicas de Senior, J. S. Mill, Cairnes, J. N. Keynes e muitos outros autores que escreveram sobre o tema.

Continuando com a política de construir uma revista genuinamente liberal, no sentido de abertura ao diálogo com tradições de pesquisa rivais, publicamos um detalhado estudo de Ricardo Feijó, que compara múltiplos aspectos dos edifícios explanatórios construídos por Karl Marx e Friedrich Hayek. Como se sabe, os dois pensadores como poucos outros economistas enxergam o mundo através de óticas multidisciplinares, nas quais doutrinas econômicas, filosóficas, políticas, jurídicas e históricas são integradas. Feijó, sem preocupação de avaliar ponto a ponto qual sistema seria superior, mesmo porque se trata de autores de séculos diferentes, enfrenta a tarefa hercúlea de comparar diversas facetas dos respectivos edifícios teóricos dos autores. Na primeira parte examina pressupostos filosóficos e heranças intelectuais dos dois autores para na segunda parte do artigo listar diferenças no que diz respeito a vinte aspectos das filosofias e teorias de Marx e Hayek destacados pelo pesquisador.

Em seguida, traduzimos um artigo de Laura Davidson e Walter Block que fornece subsídios para pesquisas futuras em um tema cada vez mais abordado pelos pesquisadores austríacos: a emergência e a evolução das criptomonedas. Os autores examinam a origem do Bitcoin, sob a perspectiva do chamado teorema da regressão proposto por Ludwig Von Mises, argumentando que o recente debate sobre o tema interpreta tal teorema de forma equivocada. A despeito de o Bitcoin não precisar possuir valor de uso extra-monetário para ser aceito como moeda, pois não emerge em economia de escambo, como investiga o teorema, os autores defendem a existência desse valor.

Na sequência são explorados paralelos entre a doutrina social da Igreja Católica e o pensamento austríaco. Robert Sirico buscou afinidades entre o pensamento católico e o

austríaco a partir do pensamento escolástico tardio, passando por Carl Menger e pela obra do filósofo austríaco Franz Brentano. Foram identificados os elementos comuns, notadamente sobre a ênfase na subjetividade e escolha, no pensamento do papa João Paulo II.

Seguindo nossa política de traduzir textos clássicos da tradição austríaca, prática justificada pela necessidade de formação de pesquisadores que conheçam a história de um problema para que possam de fato entendê-lo e contribuir para sua solução, traduzimos um texto importante de Hayek, *O Intelectual e o Socialismo*. Neste artigo, Hayek investigou o “mercado de segunda mão de ideias”, examinando os incentivos existentes e as características dos ofertantes da atividade intelectual. Além de fornecer explicação sobre por que os intelectuais tendem ao socialismo e à atividade acadêmica, o autor sugeriu que intelectuais liberais deveriam emular a busca desses intelectuais por regras desejáveis, diferentes do *status quo*, para a construção de uma alternativa liberal que captive os demandantes no mercado das ideias políticas.

Por fim, explorando conexões entre o pensamento religioso e a política, o artigo de Flavio Felice tratou dos conceitos de povo e de autoridade sob a ótica cristã, tomando como base as teses do sociólogo e cientista político Luigi Sturzo.

Nesta edição, temos duas resenhas de livros. Na primeira, examinei o estudo histórico de Frank Dikötter sobre *A Grande Fome de Mao* ocorrida entre 1958 e 1962, período no qual foi implementado o “grande salto adiante”. Nessa resenha, argumento que embora o autor não demonstrasse conhecer o argumento misesiano sobre a impossibilidade do cálculo econômico socialista, cada capítulo da excelente narrativa histórica ilustrou perfeitamente o problema da má alocação de recursos sob o dirigismo. O livro serve como excelente estudo prático da tese abstrata proposta por Mises e sua leitura é muito enriquecedora neste ano que se cele-

bra veladamente o centenário da revolução bolchevique.

Na segunda resenha, o professor Ubiratan Jorge Iorio examinou o livro de Luiz Zottman intitulado *Vendo a Vida Pela Economia No Brasil: Como Não Pensei Nisso Antes?* Iorio nos mostrou como a boa formação de economista permite ao autor analisar de forma correta, mas ao mesmo tempo acessível, os problemas políticos e econômicos enfrentados pelo Brasil.

Olhando em retrospecto, embora existam artigos para todos os interesses, em

diversas áreas e adotando diferentes metodologias de análise, o presente volume demonstra mais uma vez a importância de retomarmos o estudo da economia, não sob o ponto de vista exclusivo do especialista moderno, mas do erudito, que examina problemas econômicos amparado em ferramentas filosóficas, políticas, jurídicas e históricas. A interdisciplinaridade que marca a abordagem austríaca trabalha na direção de tornar a economia uma disciplina fascinante novamente. Boa leitura. ∞